10-03-2020

Brumadinho (MG), o desastre que não passou: um retrato do Brasil real

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

No dia 25 de janeiro de 2020 completou-se um ano do desastre da Vale em Brumadinho, bacia do rio Paraopeba. O rompimento da Barragem I despejou milhões de toneladas de rejeitos de minério de ferro a céu aberto.

Ao se esparramar, a lama-rejeito arruinou ecossistemas; destruiu casas, quintais e roças; desalojou centenas de moradores no vale do rio Paraopeba e matou outras centenas de pessoas. Passou-se um ano, 259 mortos foram identificados e mais 11 vítimas continuam desaparecidas (Defesa Civil, 2020). Passou-se um ano e a primeira denúncia contra os supostos responsáveis pelo desastre foi apresentada pelo Ministério Público de Minas Gerais à Justiça: 16 pessoas responderão por homicídio doloso (aquele em que há intenção de matar), e as empresas Vale e Tüv Süd por crimes ambientais (Jucá, 2020). Passou-se um ano e centenas de famílias prosseguem a luta por justiça e dignidade; lutam contra a justiça injusta. Passou-se um ano e os sofrimentos das mães, pais, irmãos, filhos, amigos e esposas não serenaram; são dores que provocam o derramamento de lágrimas no solo da saudade.

Passou-se um ano e as crianças que perderam o pai ou a mãe no desastre são privadas, em todas as manhãs chuvosas ou ensolaradas, do abraço paterno ou materno.

Passou-se um ano e a mídia corporativa contribui para o apagamento da memória da tragédia. Passou-se um ano e mais de 50 barragens de rejeitos de minérios apresentam alto risco e probabilidade de rompimento em Minas Gerais (Jucá, 2020); fato que espalha insegurança e pânico em cidades e comunidades fraturadas pela mineração.

Passou-se um ano e o modelo de mineração brasileiro continua vilipendiando territórios, deteriorando a saúde de trabalhadores e exaurindo paisagens. Passou-se um ano e o adoecimento da população e o aumento das tentativas de suicídio em Brumadinho (Freitas e Almeida, 2020) revelam que o desastre continua. Com efeito, o desastre da Vale é um desastre que não teve fim. Completou-se um ano do rompimento da Barragem I, um ano de um desastre que não passou. ..... A constatação de que o desastre da Vale em Brumadinho, bacia do rio Paraopeba, não passou, explicita outra observação, a de que ele não é um fato episódico na história do Brasil. Esse desastre evidencia as estranhas do Brasil real; sublinha a tragédia da formação econômica e social brasileira; expõe o verdadeiro retrato de um país ferido por desastres permanentes.

Desse modo, se o desastre da Vale é o retrato do Brasil real, então há que se ler essa fotografia criticamente.

Esse desastre é a síntese dramática do modelo econômico que beneficia as grandes corporações mineradoras; incentiva o carreamento de minérios das periferias extrativas para os países ricos; pactua seus interesses com os do Estado; suborna o sistema jurídico e mantém sua estrutura corrupta e benéfica às classes dominantes; estimula a pilhagem ambiental; acentua a violência contra povos indígenas, quilombolas e camponeses. Esse desastre, por ser compreendido como o retrato do Brasil real, avulta outros desastres: o desastre da educação; o desastre da violência; o desastre do desemprego; o desastre da desigualdade; o desastre do trabalho precário. O desastre da educação no Brasil abrange 11,3 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais de idade, aponta o IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] (2018). É um desastre que ainda envolve cerca de 38 milhões de analfabetos funcionais, de acordo com dados do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF Brasil, 2018).

E esse desastre não passará enquanto houver um governo que elege professores, pesquisadores e estudantes como seus inimigos; ou que incentiva a deterioração das universidades públicas. O desastre do desemprego revela um país com 11,6 milhões de desempregados (IBGE, 2020). Um desastre que anula o futuro de jovens e tritura potencialidades e criatividades humanas.

O desastre da violência expõe um país que é ferido todos os dias nas cidades, bairros, ruas, casas, praças, comunidades rurais, territórios indígenas e florestas. Conforme dados do Atlas da Violência (IPEA, 2019), em 2017 ocorreram 65,6 mil homicídios no país; esse dado representou uma taxa de 31,6 homicídios por 100 mil habitantes.

Um desastre que "elege" os jovens e negros como suas principais vítimas - do total de assassinatos em 2017, 35,7 mil eram jovens; e 75,5% das vítimas eram negras (IPEA, 2019). O desastre da desigualdade não para de aumentar. Em 2018, o IBGE indicou que a desigualdade cresceu no Brasil. 43,1% de toda a renda do país estão concentrados no poder de apenas 10% da população brasileira.

O rendimento da população 1% mais rica do país é 34 vezes maior do que ganha a média dos 50% mais pobres (IBGE, 2018). Ademais, dados da [Fundação Getúlio Vargas] (FGV, 2018), esclarecem que do segundo trimestre de 2015 até 2017, a população vivendo na pobreza aumentou 33%, abarcando 11,2% dos brasileiros.

O desastre do trabalho precário não poupa os trabalhadores, expondo milhões de mulheres e homens aos riscos de acidentes, adoecimentos e mortes.

Segundo os dados do Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho, de 2012 a 2018, o Brasil registrou 4,5 milhões de acidentes e 16,4 mil mortes no trabalho.

No mesmo período, a soma dos gastos da Previdência com Benefícios Acidentários alcançou R$ 79 bilhões e 351,7 milhões de dias de trabalho foram perdidos com afastamentos previdenciários e acidentários, segundo a Fundacentro (2019).

continua

Esses e outros desastres desvelam o retrato de um país em escombros, ou especializado na ruína da educação, territórios, cultura, juventude, saúde de trabalhadores, ecossistemas e recursos naturais. Diante disso, a atualidade das palavras de Darcy Ribeiro é assombrosa, quando argumentou que o "Brasil sempre foi, ainda é, um moinho de gastar gentes. Construímo-nos queimando milhões de índios. Depois, queimamos milhões de negros. Atualmente, estamos queimando, desgastando milhões de mestiços brasileiros, na produção não do que eles consomem, mas do que dá lucro às classes empresariais."

Sendo assim, o retrato do Brasil real tem as cores de muitos desastres. Contudo, é importante não deixar que eles sejam apagados de nossa memória. O apagamento da memória - como se tenta fazer com o genocídio dos indígenas, a escravidão, a tortura que houve na ditatura militar, os desastres da Samarco e da Vale em Minas Gerais - interessa aos governos autoritários, às classes dominantes e às grandes corporações.

Uma das formas de os opressores perpetuarem no poder é apagando a memória dos trabalhadores. E assim procedendo, retiram a culpa daqueles que cometem ou são responsáveis pelos desastres.

Portanto, não esqueceremos do desastre da Vale em Brumadinho, bacia do rio Paraopeba. Assim como não olvidaremos os demais desastres que atormentam a população brasileira. Esse é um retrato do Brasil real que precisa ser lido e transformado. ■ ■ ■

Referências

- **Defesa Civil / Minas Gerais. http://www.defesacivil.mg.gov.br/**
- **Freitas, R.; Almeida, F. *Brumadinho convive com adoecimento mental um ano após tragédia da Vale.* 2020. https://g1.globo.com/mg/**
- **INAF Brasil 2018. *Resultados preliminares*. http://acaoeducativa.org.br/**
- **IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da violência 2019*. http://www.ipea.gov.br**
- **Jucá, B. *As 50 barragens em alto risco que mantêm a bomba-relógio da mineração em Minas*. https://brasil.elpais.com/brasil**
- **Jucá, B. *Ex-presidente da Vale e mais 15 são denunciados por homicídio doloso na tragédia de Brumadinho*. 2020. https://brasil.elpais.com**
- **FGV. *Escalada da Desigualdade - Qual foi o Impacto da Crise sobre Distribuição de Renda e Pobreza?* 2019. https://cps.fgv.br/desigualdade**
- **Fundacentro 2019. *Brasil registra 17 mil mortes e 4 milhões de acidentes de trabalho.* http://www.fundacentro.gov.br**
- **Ribeiro, D. *O Brasil como problema*. Brasília: Editora da UNB, 2010.**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.